



A SEMIOLOGIA IMAGÉTICA NA FEIRA-LIVRE DE ARAGARÇAS/GO

Atila Cezar Rodrigues Lima e Coelho¹

Marcelo Nunes de Oliveira²

RESUMO: Este artigo busca relatar os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo direcionar a leitura semiótica de uma pequena parte do contexto local, no caso, a Feira da cidade de Aragarças-GO, usando para análise os critérios de Charles Sanders Peirce. Objetivando entender melhor a diversidade daqueles que frequentam e como funciona, do ponto de vista semiótico, uma feira, realizou-se uma análise fotográfica de momentos cotidianos nessa situação.

PALAVRAS-CHAVE: Feira. Semiótica. Peirce. Aragarças.

INTRODUÇÃO

Todos os dias temos um mundo inteiro de significados para desvendar, coisas a compreender. Dentro da lista de desafios diários dos estudantes e trabalhadores da área de Comunicação está o grande desafio de ler o que não está escrito, de compreender o que não foi dito e que faz toda a diferença na compreensão do mundo que aí está, mudando em grande velocidade.

Entender cores, sabores, cheiros, movimentos, palavras – em geral, partes de um todo de acontecimentos ou fenômenos, como diria C. S. Peirce – ler o mundo de maneira mais clara, a partir de suas manifestações, é a razão maior de estudarmos Semiótica dentro do curso de Jornalismo.

¹ Especialista em Marketing e Comunicação Empresarial pela Faculdade Cathedral. Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso - Campus Universitário do Araguaia. E-mail: atilacezar@me.com

² Especialista em Docência no Ensino Superior e Marketing e Turismo pela Faculdade Cathedral. Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: marcelo.oliveira.99@hotmail.com



Dessa forma, direcionamos a leitura semiótica a uma pequena parte de nosso contexto local, a Feira Noturna da cidade de Aragarças - GO, tomando como ponto de partida um portfólio fotográfico ali produzido, nos sábados (dia em que a feira acontece). As fotos foram realizadas entre os dias 07 e 28 de fevereiro de 2018.

O objetivo dessa empreitada foi verificar, pela análise semiótica das fotografias, quais são as características mais marcantes da feira, no contexto em que está inserida: uma rua em uma cidade pequena, que fica na divisa do estado de Goiás e Mato Grosso. Quais as pessoas, hábitos e produtos que encontramos na feira? Como a vida se movimenta nesse espaço tão comercial e, ao mesmo tempo, tão familiar, com crianças trabalhando nas barracas de seus pais? O que há por trás dos olhares aguçados, das cores e cheiros das pequenas barracas? Essas são as questões que norteiam nossos olhares.

A SEMIÓTICA

Do grego *semeion*, a Semiótica “é a ciência dos signos” (SANTAELLA, 2007, p.7). Tem a função de classificar e descrever todos os tipos de signos logicamente possíveis (idem, p.29), mostrando que há diversas maneiras de definir signo: algo que faz referência a outra coisa, que representa outra ideia, “[...] tudo aquilo pelo qual alguém se dá conta de outra coisa” (FIDALGO, 2004, p. 14).

Santaella explica:

É no homem e pelo homem que se opera o processo de alteração dos *sinais* (qualquer estímulo emitido pelos objetos do mundo) em *signos* ou *linguagens* (produtos da consciência). Nessa medida, o termo linguagem se estende aos sistemas aparentemente mais inumanos como as linguagens binárias de que as máquinas se utilizam para se comunicar entre si e com o homem (a linguagem do computador, por exemplo), até tudo aquilo que, na natureza, fala ao homem e é sentido como linguagem. Haverá, assim, a linguagem das flores, dos ventos, dos ruídos, dos sinais de energia vital emitidos pelo corpo e, até mesmo, a linguagem do silêncio (SANTAELLA, 2007, p.13).

Portanto, signos são produtos do contato dos nossos sentidos com o mundo, são a interpretação que nossa mente dá a tudo o que está à nossa volta. Fidalgo explica que os signos são demasiado importantes em todos os processos de comunicação, de modo que as escolhas dos utilizados são de caráter relevante para a compreensão:



Que tipos de signos se utilizam para criar mensagens, quais as regras de formação, que códigos têm os interlocutores de partilhar entre si para que a comunicação seja possível, quais as denotações e quais as conotações dos signos utilizados, que tipo de uso se lhes dá (FIDALGO. 2004, p.19).

Dentre os signos, temos a linguagem não verbal: cheiros, sabores, cores. Neste trabalho, o objeto maior do estudo é a imagem – mais especificamente a fotografia.

Charles Sanders Peirce, nosso filósofo-base para as análises semióticas, divide o signo em três partes:

O *Representamen* é o que representa a “coisa”, o que faz a referência a algo. O Objeto é o “algo” a que o *representamen* se refere. O Interpretante é a relação entre o *representamen* e o objeto, nas nossas mentes.

Com base nessa tripartição, Peirce dividiu o signo em três categorias:

- Primeiridade: a impressão primeira, o estímulo aos sentidos que nos faz despertar para o fenômeno.
- Secundidade: o olhar sobre o fenômeno.
- Terceiridade: a interpretação do fenômeno.

A FEIRA

Tão antigas quanto o próprio comércio, as feiras fazem parte do cotidiano dos homens, desde a época das barganhas, antecessoras do bulionismo e do capitalismo dos quais somos contemporâneos.

A Feira Livre noturna de Aragarças, objeto da presente análise, não goza de tanta longevidade. Em contato com a Secretaria de Indústria e Comércio, Agricultura, Turismo, Meio Ambiente e Recursos Hídricos do município, fomos informados de que as atividades foram regulamentadas no ano de 2001 e já há perspectiva de mudança do local de sua realização. Inicialmente, contava com 200 feirantes e hoje há entre 150 e 170 barraqueiros. Esses trabalhadores rendem entre R\$ 71,50 e R\$ 121,50 anuais aos cofres da Prefeitura, dependendo do tamanho das instalações e a maioria deles vem das cidades circunvizinhas.

Do ponto de vista da análise semiótica, talvez não haja melhor lugar para desenvolver tal atividade. Frutas cítricas expostas ao lado de legumes, o que claramente



denota a ausência, por parte dos feirantes, do conhecimento das divisões desse ou daquele grupo de alimentos. A ausência de banheiros que leva a um inovador ramo de negócio: locação doméstica de sanitários. Conforme se nota na foto que anuncia a pitoresca locação, o morador, certamente, não se enquadra no perfil de um assíduo leitor do Financial Times: ele sequer percebeu a troca da grafia de R\$1,00 por Cr\$1,00.

Esses e outros comuns erros de ortografia e gramática, por exemplo: “SAIA DINZ 20 reais” (em vez de *jeans*) são certamente sin-signos/indicativos/remáticos da provável baixa escolaridade dos comerciantes. Optamos por não aprofundar a pesquisa de campo no sentido de obter dados comprobatórios dessa hipótese, para não gerar desconforto nas pessoas.

EXPERIÊNCIA FOTOGRÁFICA

A Feira de Aragarças é um lugar peculiar. Fotografá-la nem sempre é fácil – as pessoas não encaram com naturalidade o fato de ter alguém fazendo registros desse ambiente. Dentre as dificuldades de fotografar para o presente trabalho, havia uma em particular que alterou o resultado dessa experiência: a luminosidade. A Feira é noturna, e nem todas as câmeras registram imagens, com clareza, em baixa luminosidade. Superamos esse pequeno contratempo, dividindo os registros em horários adequados à dinâmica da feira: no fim da tarde e início da noite, as câmeras mais simples trabalhariam; a noite ficaria por conta das câmeras semiprofissionais.

A primeira impressão que os feirantes tiveram, ao nos observar com câmeras em mãos, foi a de que eram alvo de alguma investigação. Algumas pessoas nos abordaram diretamente e perguntaram qual o propósito das fotografias; outras preferiram especular junto a amigos nossos sobre a razão de serem fotografados. A maioria acreditou que estávamos procurando defeitos naquele espaço

Uma cliente bastante aborrecida deixou a banca de frutas em que estava, sem comprar nada, pois percebeu que estava sendo fotografada. Em dias de chuva, as pessoas se assustavam com os flashes das máquinas, pensando que eram relâmpagos. Outro fato interessante ocorreu quando fomos abordados, ao tirar a foto de uma cliente. O esposo ou companheiro da mulher veio “tirar satisfação”. Tivemos que acalmá-lo informando o objetivo do trabalho.



Depois de um tempo, muitas dessas pessoas (inclusive as receosas) queriam ver as imagens capturadas.

A FEIRA: UM OLHAR MAIS PROFUNDO

Imagem 01: As pessoas todas estão na vertical, e as bancadas de trabalho formam uma delimitação horizontal do espaço, separando as que estão dentro e fora dele. No centro há cinco pessoas. Em primeiro plano, duas mulheres, de costas uma para a outra. À esquerda, uma delas atende um cliente, presente na foto pela mão estendida. Ainda em primeiro plano e se estendendo ao longo da barraca, temos a bancada. O espaço é ocupado ao centro por duas pessoas: um menino, em destaque, e um homem, que está atrás da mulher à esquerda. A cena é heterogênea, com elementos de todos os tipos e formas. Ao fundo, bem no centro e, por último, temos um homem, que observa a atividade dos demais no espaço. Acima, temos outra limitação espacial da barraca, que lhe serve como teto, fazendo com que ela lembre uma cozinha dentro da feira. O branco, cor símbolo da limpeza, está nas mulheres, no teto e em utensílios sobre a bancada e se destacam com a ajuda da luz, no canto superior direito da imagem. Esse ponto de luz lembra um pequeno sol, que deixa a imagem amarelecida, e dá a ideia de calor, reforçada pelo brilho na pele do menino, índice de que ele está transpirando. Há também a fumaça saindo da churrasqueira, índice do fogo. A organização do ambiente é típica de uma cozinha onde muitas mãos trabalham: cada pessoa para um lado, desempenhando uma tarefa. O fato de uma dar as costas para a outra nos indica que essas pessoas confiam no trabalho de seus parceiros, de modo que podem se concentrar no que estão fazendo. A presença de uma criança na barraca tem várias interpretações: diante de uma churrasqueira, o menino trabalha ao lado da família, ajudando no sustento e aprendendo a ganhar o próprio dinheiro. Embora possa parecer um caso de exploração infantil, o "menino na barraca" deixou de ser um "menino na rua", exposto às drogas e à violência; deixou de ser um "menino em casa", provavelmente sozinho, já que a família está trabalhando na feira.

Imagem 02: Em primeiro plano, temos a cliente, que está dando atenção a algo em particular, possivelmente contando o dinheiro para pagar pelas bananas (sin-signo indicial remático). Em



segundo plano, na horizontal, temos a banca das bananas, onde há uma menina trabalhando com seu pai, que está de costas e abaixado sobre os engradados com as frutas mais ao fundo. A menina está no centro, também com os olhos baixos e, juntamente com a posição das mãos sobre as bananas, indica que está conferindo a quantidade a ser vendida. Atrás da banca, há uma casa simples, com as grades das bananas sobre a calçada e uma cadeira de fios ao lado da porta. Por estarem abaixo da lona que cobre a barraca, o pai e a filha estão dentro dela. As pessoas estão em pé, na vertical, contrastando com a bancada. Esta é uma imagem em que há abundância de cor em todos os planos. As bananas, notadamente, têm três cores diferentes, e aparentam estar organizadas segundo esse critério: verdes, amarelas e "roxas", da esquerda para a direita, dando a impressão de gradiente de cor e chamando a atenção para as bananas verdes, que estão em maior quantidade (sin-signo indicial remático). O toldo azul e as grades vermelhas contrastam com as bananas e o fundo, que é a casa simples, com paredes de um verde muito claro. A menina veste azul-escuro e usa cabelos presos, com um acessório colorido, que remete à sua feminilidade infantil, um sin-signo indicial, reforçado também no colorido das sandálias. O pai usa uma camisa xadrez vermelha e azul. O azul, o amarelo e o vermelho tornam a imagem alegre e chamam a atenção das pessoas que passam a metros de distância. Nota-se também que as lâmpadas estão acesas, embora ainda haja luminosidade suficiente para trabalhar. A menina trabalha no centro da banca que parece grande diante dela, o que faz a responsabilidade de trabalhar parecer visualmente maior. O pai, que está de costas, parece não dar atenção ao que ela faz - seja por confiança, ou por não se preocupar com isso. A cliente, à frente da bancada, age com naturalidade, comprando da menina, sem fazer nenhuma distinção. As bananas estão diretamente à vista, para facilitar a escolha dos clientes, que passam por várias bancas parecidas. Estão separadas por tipos, da mais barata para a mais cara, da esquerda para direita, dando a impressão de que, mesmo que se interesse pelas bananas mais caras, os clientes (que se movimentam na maioria das vezes da direita para a esquerda) preferem sair com as mais baratas, que estão na saída da banca. Atrás, estão as bananas que servem de estoque para a banca, dentro dos engradados vermelhos, que só permitem ver as bananas que estão por cima. A casa ao fundo é bem simples, e representa de maneira próxima o ambiente onde a feira acontece: uma rua em uma cidade pequena e simples.



Imagem 03: Um menino e uma senhora cuidam de uma pequena barraca de utensílios domésticos à beira de uma calçada. No plano vertical e ao centro, está o menino sentado e olhando de relance para a câmera, no momento exato do registro. A seu lado e em pé, a senhora apoia uma das mãos em uma caixa de papelão, que está de cabeça para baixo. Atrás deles, temos uma calçada de cimento, com um fio elétrico branco, na horizontal, sobre a grama que começa a crescer próxima ao batente que sustenta o portão de ferro verde, levemente enferrujado, que separa a calçada da garagem da casa, logo atrás. À esquerda, aparece uma parte da barraca que está ao lado: um toldo azul sobre uma estrutura de ferro, também enferrujada, onde se apoia um guarda-chuva lilás com estampas de flores. À direita, parte de um vestido infantil em um cabide azul-claro indica que há uma barraca de roupas infantis ao lado. Toda a imagem tem índices da passagem do tempo: a senhora tem seus cabelos já grisalhos, em contraste com o menino; as grades, a calçada, a estrutura de ferro da barraca à esquerda, a bicicleta que aparece abaixo e no centro – ferrugem e aspecto escuro (limo) são índices das várias chuvas às quais estiveram expostos. A caixa de papelão em que a senhora apoia as mãos contém o símbolo da Unilever. As cores predominantes são o cinza (na camisa da senhora e na calçada) e o verde da grade, que circundam e destacam o menino, vestindo preto, laranja e azul, com um boné claro. As cores vibrantes e o acessório evidenciam o frescor infantil. A posição da senhora ao lado do menino cria a sensação de proteção à criança.

Imagem 04: Notamos nesta imagem, pontos diretos de iluminação, no lado direito e no lado esquerdo, ao fundo. Na parte central da imagem, duas pessoas, uma do sexo feminino e outra do sexo masculino, que aparentam idade superior a cinquenta anos, conversam. Uma terceira pessoa parece participar da conversa, mas seu rosto foi ocultado pela placa. A placa é um elemento ímpar, já que contém informações textuais com palavras estrangeiras aportuguesadas e valores cobrados pelos produtos comercializados. Em segundo plano, distinguimos contornos humanos e sombras de árvores. O branco está sempre presente, e dá certa neutralidade à imagem. O toldo da barraca de cor alaranjada se destaca e se sobressai, por ser uma cor quente e oposta à cor azul do céu, que acalma as inquietações do ser humano.



Imagem 05: A luz solar incide sobre a imagem, da direita para a esquerda. Observando o grau de inclinação das sombras, pode-se dizer que a fotografia foi tirada no fim da tarde, pouco antes de o sol se pôr. No topo da foto, temos folhas de árvores, que se mostram de cima para baixo. O elemento em destaque (a placa) está pendurado em uma grade de barras perpendiculares, na vertical. No canto inferior direito, podemos ver um arbusto decorativo presente na residência e, ao lado, uma cadeira de fio. Atrás da grade, há um pilar de sustentação da casa e, no canto inferior esquerdo, aparenta haver parte do corpo de alguma pessoa. A luz solar atravessa a placa e revela seu lado oposto. O vermelho presente na placa mostra que se trata de uma propaganda de refrigerante de cola. A grade em azul não é o destaque da imagem, papel que as paredes da casa tomam para si. O verde-limão e o alaranjado se sobressaem, atraindo a atenção. Elementos na vertical contrastam com a placa na horizontal, destacando-a.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos aperfeiçoar nossos conhecimentos na matéria de semiótica, por meio deste trabalho, na feira livre da cidade de Aragarças. Pelo portfólio pudemos fazer uma análise semiótica da feira em si, da forma como as mercadorias são expostas e vendidas.

A feira é um lugar muito frequentado por famílias, pois possui um ambiente de descontração, com inúmeras variedades de produtos e serviços a baixo custo. Contudo, um ponto negativo que encontramos foi a falta de higiene, em alguns lugares, lixo no chão, alimentos jogados no chão para depois serem vendidos. Nesse ponto, alguns vendedores deixaram a desejar.

Por essas análises tivemos a oportunidade de estudar melhor o que acontece na feira, seus trabalhadores e adeptos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **O signo revisitado**. São Paulo: Cengage Learning Edições, 2000.



PEIRCE, Charles S. **Divisão dos signos. Ícone, índice e interpretante.** In: *Semiótica*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

MACHADO, Irene. **Escola de semiótica.** São Paulo: Fapesp, 2003.

MACHADO, Irene. **Um Projeto semiótico para o estudo da cultura. Metalinguagem – Competência semiótica. Projeções da semiótica da Cultura no Brasil.** In: *Escola de Semiótica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

SOUZA, Licia Soares. *A sociossemiótica. A Semiótica triádica de Peirce. Semiótica global, pós-moderna e pós-colonial.* In: **Semiótica: Introdução as Teorias Semióticas.** Petrópolis: Editora Vozes, 2006.



ANEXOS



Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3



Imagem 4



imagem 5